

## Comentário II

**Lígia Bellini**

Departamento de História, FFCH/Universidade da  
Bahia

A palavra corpo evoca uma multiplicidade de significações. Corpo designa a substância física de cada homem, animal ou outros entes da natureza. Com referência ao ser humano, remete ao papel da parte material como receptáculo do espírito, na bipolaridade corpo-alma. Sugere ainda a idéia de forma humana que, por sua vez está associada aos conceitos de figura, configuração, perfil, representação, com marcada conotação visual. Remete à sexualidade, aos saberes e práticas de disciplinas como a medicina, a psicanálise, a ética. O termo corpo se relaciona também à idéia de organismo, conjunto orgânico de partes. Neste sentido, serviu como fulcro para um sem número de analogias, através das quais se procurou pensar a sociedade. Por fim, tem sido crescentemente difundida a concepção de corpo como uma construção da linguagem e de práticas culturais tornadas código na linguagem. Estes são apenas alguns entre os temas suscitados pelo texto de Mary Del Priore, um informativo guia de estudos que tratam da história do corpo, pela abrangência e diversidade da bibliografia que menciona.

O amplo conjunto de questões que a historiografia sobre o corpo, hoje, põe em pauta pode ser abordado de inúmeras maneiras. Entretanto, qualquer que seja a perspectiva escolhida, é importante refletir sobre os processos específicos que geraram condições específicas na área em discussão. Neste comentário, preferi explorar apenas um número reduzido de problemas sugeridos pelo texto. Estes, em geral, dizem respeito a aspectos a meu ver relevantes numa análise dos desenvolvimentos ocorridos na história do corpo, que estão ausentes ou aparecem apenas de modo implícito no trabalho.

1. Evidências desses influxos podem ser encontradas em diversos artigos sobre o tema em revistas como *Representations*, *Journal of interdisciplinary history*, *Social history of medicine* e *Art history*, em coletâneas de estudos sobre o corpo (Feher, Naddaff & Tazi, eds. 1989; Gent & Llewellyn, eds. 1990), além de dossiês bibliográficos (MacDonald 1983; Jordanova 1983).

2. Algumas dessas influências aparecem implicitamente no texto, em geral por via de citação de estudos que poderiam ser caracterizados como fazendo parte de determinadas correntes ou como obras que adotam algumas das abordagens mencionadas.

Mary Del Priore se pergunta inicialmente quais teriam sido as razões que levaram a um crescente interesse, por parte de historiadores, em diversificadas abordagens do corpo em seus estudos.

Entre os fatores apontados pela autora, um é destacado, qual seja, as influências da teoria antropológica na história.

Não resta dúvida de que estudos históricos sobre o corpo e seus significados em determinados contextos sociais em muito se beneficiaram da aproximação entre a história e a antropologia cultural. Contudo, entendo que o espectro de elementos que confere caráter interdisciplinar ao florescimento da história do corpo é bem mais amplo do que o proposto. Nele estão presentes influências da sociologia, da lingüística e crítica literária, da psicanálise e de disciplinas históricas que tiveram, antes da voga atual de interdisciplinaridade, trajetórias específicas – a história da medicina e a história da arte<sup>1</sup>.

Surpreende também, no texto de Del Priore, a ausência de menção aos estudos feministas e aos trabalhos de Michel Foucault, de inegável importância em certos desenvolvimentos na história do corpo<sup>2</sup>. Procurarei em seguida explorar sucintamente alguns desses pontos. Antes disso, é importante fazer a ressalva de que disciplinas raramente influenciam umas às outras diretamente, mas o fazem em geral por meio de intermediários. De tal fato decorre a dificuldade em se considerar influências isoladas, num contexto em que parecem terem ocorrido inúmeras interpolações.

O lugar central ocupado pelo corpo humano nos encontros entre médico e paciente, e como objeto do saber médico, levou estudiosos de história da medicina a refletirem sobre o tema, nas primeiras décadas do século. Dois entre os mais importantes historiadores desta área – Erwin Ackerknecht e Henry E. Sigerist – utilizaram informações de pesquisas antropológicas em suas reflexões. Na década de 1930, Arckerknecht estudou comparativamente práticas médicas descritas por etnógrafos, inclusive a dissecação entre povos africanos. Entre suas conclusões, está a de que a dissecação de corpos não conduz necessariamente à acumulação de conhecimento anatômico e à constituição de um quadro da anatomia humana baseado na observação empírica (Ackerknecht 1971). Sigerist endossou a concepção de Ackerknecht de que a elaboração de teorias médicas tem profundas implicações culturais e espirituais, às quais estão relacionadas inclusive a percepção e descrição dos sintomas de determinadas doenças (Sigerist 1951: 29).

A anatomia, talvez mais do que qualquer outro ramo da medicina, está associada à idéia de configuração do corpo. Um considerável número de estudos sobre representações do corpo utiliza tratados de anatomia como fontes (por exemplo, Hodges 1985; Jordanova 1985; Schiebinger 1986; Harcourt 1987; Wilson 1987; Sawday 1990; Laqueur 1990; Bellini 1992). Tais estudos, via de regra, a par de investigarem significados do corpo, procuram relacionar esses significados ao saber médico e às instituições associadas à prática da medicina no período e lugar estudados. Ilustrações anatômicas, que substanciam as relações entre arte e anatomia, constituem material particularmente adequado para uma interpretação da medicina em relação a mitos, símbolos e crenças (Jordanova 1985: 399-400). Entretanto, imagens verbais encontradas em tratados médicos também podem ser enfocadas de um ponto de vista que privilegie o

problema da representação. Este é o caso do importante estudo de Owsei Temkin, intitulado "Metaphors of human biology", em que este autor analisa várias entre as mais conhecidas metáforas elaboradas para conhecer e descrever o corpo humano, desde a Antigüidade até nossos dias, relacionando-as com modos de pensar e crenças do contexto histórico em que foram produzidas e veiculadas (Temkin 1949).

Temkin, Ackerknecht e Sigerist são apenas alguns entre os diversos estudiosos de história da medicina que produziram trabalhos de história social e cultural, enfocando o corpo humano. Ao menos no mundo anglo-saxônico, não são raros os casos de historiadores voltados para a história social, oriundos da área de história da medicina. Visto não ser possível, por questão de espaço, deter-me demasiadamente neste ponto, espero que os exemplos acima tenham ilustrado suficientemente a importância de desenvolvimentos da história da medicina na historiografia sobre o corpo.

São várias as indicações, na bibliografia mencionada por Mary Del Priore, das influências da história da arte do corpo<sup>3</sup>. Basta lembrar diversos artigos em *Le corps à la Renaissance* (Ceard, Fontaine & Margolin, dirs. 1990, *apud* Del Priore), *Fragments for a history of the human body* (Feher, Naddaff & Tazi, eds. 1989) e *Renaissance bodies* (Gent & Llewellyn, eds. 1990), em que são analisados quadros, esculturas, ilustrações impressas, utilizando instrumental metodológico da história da arte<sup>4</sup>. Outros trabalhos evidenciando essas influências poderiam ser mencionados aqui (e.g. Barasch 1990; Jordanova 1989), incluindo os estudos que focalizam ilustrações anatômicas citados anteriormente. A própria concepção de corpo como uma categoria geral aparece consolidada em certas tradições européias na área de artes, muito antes do que na história *mainstream*. Na história da arte, é possível falar, com razoável precisão, em "corpo humano", "corpo feminino", "corpo masculino", significando os cânones utilizados em sua representação e os debates entre artistas e críticos a propósito de suas características gerais (Jordanova 1989:13-14).

Conceitos e modelos de análise desenvolvidos nos estudos de Foucault, em que pesem os problemas apontados por uma série de críticos a propósito da insuficiência de suporte documental nesses trabalhos, parecem ter contribuído de diferentes modos para a historiografia do corpo. Foucault participou ativamente das discussões acadêmicas sobre sexualidade, apontando, entre outros, o papel que as ciências biomédicas desempenharam no controle desta, através de sua preocupação com temas como masturbação, controle da natalidade, aborto e doenças relacionadas a práticas sexuais (Ariès & Béjin 1985; Foucault 1977b, 1978, 1979). Chamou atenção, em seus trabalhos, para a importância do corpo como um lugar privilegiado, onde instituições biomédicas, psiquiátricas, jurídicas, penais e educacionais punham em prática mecanismos de poder, especialmente a partir do século XVIII (Foucault 1977a, 1977b, 1977c, 1978, 1979, 1984, 1985).

Suas proposições acerca da existência de homologias conceituais entre diferentes aspectos dos domínios intelectual, social e político tiveram considerável influência na utilização de materiais médicos como fontes históricas.

É importante lembrar, aqui, que cada uma das vertentes abordadas pode ser pensada em termos da ambiência histórica e cultural em que floresceu. Não devemos desprezar o instrumental analítico oferecido pela sociologia do conhecimento no estudo de qualquer produção na área do saber. Os

3. O recente estreitamento das relações entre história e história da arte é discutido em Alpers (1977) e Rotberg & Rabb, eds. (1989) (Introdução).

4. Alguns dos artigos incluídos nessas coletâneas atestam a utilização de conceitos e abordagens da lingüística literária em estudos de história do corpo, além do influxo da história da arte.

5. Os estudos de Shorter (1983) e McLaren (1984) são exemplos de abordagens opostas a esse tema.

desenvolvimentos nas ciências humanas, no final dos anos 60 e nos anos 70, ocorreram não somente devido ao surgimento de novas perspectivas teóricas, mas devido a um amplo espectro de circunstâncias sociais e intelectuais, que inclui as políticas radicais dos anos 60, a chamada revolução sexual, o feminismo, o movimento negro e o movimento gay. O descrédito, por parte de um setor da intelectualidade da época, em relação à grande política associada ao Estado, levou a uma ênfase na micropolítica do cotidiano. Como observa Roy Porter, as críticas acumuladas pela "contracultura" dos anos 60 e pelo feminismo dos anos 70 (às quais poderíamos acrescentar a atuação de negros e homossexuais) contribuíram para subverter a suspeição do corpo, assentada tanto na tradição judaico-cristã, quanto nos componentes da cultura ocidental herdados do mundo greco-romano (Porter 1922: 292-293).

Como parte dessa tendência geral, a vasta literatura produzida na área de estudos feministas é em parte responsável pelo florescimento da historiografia sobre o corpo. Utilizando centralmente documentação médica, analisaram-se os modos como o corpo feminino foi concebido em relação ao corpo masculino (Knibiehler & Fouquet 1983; Laqueur 1986 e 1990; Schiebinger 1986; Maclean 1987: 28-46) e como processos fisiológicos particulares (menstruação, gravidez, parto, males do aparelho ginecológico) foram tratados e regulados<sup>5</sup>. O tratamento da mulher em imagens visuais na arte e nos meios de comunicação de massa também foi objeto de vários trabalhos (Berger 1987: 35-64; Jordanova 1989; Hiong 1990; Nochlin 1991).

Um outro problema, a meu ver relevante, a que o texto de Mary Del Priore remete, diz respeito à própria formulação *história do corpo*. Tal formulação está associada à concepção de *corpo* como uma abstração. Como sugerido acima, na área de belas artes a expressão *corpo humano* evoca algo mais ou menos preciso – o conjunto de normas utilizadas na sua representação. É mais difícil compreender com clareza o que significam expressões como "*the human body itself*" (Gallagher & Laqueur, eds. 1987: VII), também utilizada por Del Priore ("o corpo, ele mesmo"). O uso de *corpo* como um conceito abstrato, desacompanhado de qualificações adicionais, é uma questão que merece reflexão cuidadosa por parte dos historiadores.

O interesse no corpo como objeto histórico deriva em grande medida do interesse na sexualidade. Tal desenvolvimento era, de certo modo, inevitável, já que diferentes práticas e representações relacionadas à sexualidade tinham corpos humanos como elemento central. Foucault e outros estudiosos mostraram como diversas instituições e áreas do saber se ocuparam do controle da sexualidade, tratando da vida sexual dos casais, da contracepção, da homossexualidade, da masturbação, do aborto, de determinados tipos de doença.

Na trajetória da história do corpo sugerida por Del Priore, o que parece mudar na década de 80 não é que o corpo deixa de ser abordado através de práticas e discursos a ele associados, como as práticas ligadas à sexualidade e os rituais cotidianos do nascimento, casamento e morte, mas que os historiadores passam a fazer referência a *corpo* como uma categoria geral. Para mencionar apenas alguns exemplos citados pela autora, na obra *Le corps à la Renaissance* (Ceard, Fontaine & Margolin, dirs. 1990, *apud* Del Priore) o corpo é analisado em relação à moda, à violência nas guerras religiosas, à dissecação anatômica,

aos gestos, à sua representação nas artes e na literatura. Abordagens semelhantes encontram-se em obras como *Fragments for a history of the human body* (Feher, Naddaff & Tazi, eds. 1989) e *Renaissance bodies* (Gent & Llewellyn, eds. 1990).

Aqui, parece-me que o que está em jogo centralmente é o problema da representação, qual seja, o modo como, em diferentes lugares e momentos, determinados aspectos do mundo social ou natural são construídos, pensados, dados a ler. Isto é feito através de práticas e discursos que são próprios de grupos sociais ou meios particulares (Chartier 1988: 16 e ss.).

Se concordarmos que o corpo não pode ser pensado como um objeto natural e que é importante investigar os modos como este tem sido vivenciado e expresso no interior de sistemas culturais particulares, é também importante considerar a existência de uma dimensão *biológica* deste. Porter lembra a necessidade de, num estudo de história do corpo, levar em consideração materiais disponíveis como registros médicos e hospitalares, dados estatísticos sobre natalidade e mortalidade, e informações sobre as características físicas de indivíduos ingressos em orfanatos, escolas e instituições militares. O estudo dos modos como o corpo humano é abordado e constituído discursivamente por diferentes instituições, numa dada sociedade, muitas vezes serve para impedir que os historiadores corram o risco de fazer extrapolações descontextualizadas, focalizando unicamente materiais literários e iconográficos (Porter 1992: 295-301). Em muitos casos, é adequado pensar o corpo em relação, ao mesmo tempo, a um universo semântico e simbólico e a desenvolvimentos particulares nos domínios médico, político, demográfico, em determinado contexto histórico (McLaren 1984; Jordanova 1985; Schiebinger 1986; Harcourt 1987; Wilson 1987 e 1990; Bellini 1992).

Considerar que o corpo tem uma dimensão biológica não deve nos levar a crer que essa dimensão é inteiramente exterior ao domínio da representação. É claro que no plano conceitual podemos separar o corpo palpável, concreto, material e o corpo como construção cultural. Mas não devemos esquecer que os corpos existem para nós apenas por meio da percepção que temos deles e que, sendo assim, a história dos corpos deve incorporar a história de suas percepções (Porter 1992: 295). Em vista disso, é difícil compreender a razão da insistência de historiadores como Laqueur em diferenciar o corpo simplesmente ("*the body in its simplicity*") do corpo constituído discursivamente, ligado aos seus significados culturais, se o objeto é estudar ambas as dimensões em sua indissolúvel inter-relação (Laqueur 1990: 12-15).

Tampouco parece promissor, como procedimento metodológico, o tratamento de gestos e imagens do corpo, documentados num dado contexto, como relevantes para a compreensão de um contexto diverso, sem os devidos ajustamentos. Imagens passam de um lugar para outro com uma facilidade que freqüentemente nos torna cegos em relação à centralidade das circunstâncias históricas em que são produzidas, veiculadas, percebidas ou decodificadas, para um entendimento adequado das mesmas (Jordanova 1990: 89; Baxandall 1986; Saliba 1993; Cardoso 1993; Meneses 1993).

A complexidade conceitual e metodológica envolvida na história do corpo, ponto de convergência entre aspectos orgânicos e sociais dos homens, onde a cultura e a natureza dialogam, onde o grupo e o indivíduo se entrecruzam (Rodrigues 1979: 47), permanece para os historiadores.